

A CULTURA COMO MECANISMO DE CONTROLE: UM ESTUDO SOBRE A HOMOGENEIZAÇÃO CULTURAL NO ESPAÇO ESCOLAR

THE CULTURE AS A CONTROL MECHANISM: A STUDY ABOUT CULTURAL HOMOGENIZATION AT SCHOOL ENVIRONMENT

Juliano Bona

Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniassevi)
Blumenau, SC, Brasil
bonajuliano@gmail.com

Camila Thaisa Alves Bona

Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Blumenau, SC, Brasil
camilatalves@gmail.com

Resumo. Desconsiderar a diversidade cultural e legitimizar uma única cultura hegemônica como verdadeira parece ser uma das estratégias de controle utilizadas no espaço escolar. Deste modo, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre culturas e mecanismos de controle. Para isso, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica e alguns recortes foram feitos para atender o objetivo do artigo. A gênese da cultura hegemônica se dá no século XVIII, com o Iluminismo. Com o passar dos anos, estes conhecimentos foram se articulando com outros discursos, forjando uma cultura que perpassa diferentes instituições sociais em nosso tempo histórico, incluindo a escola. Além de marginalizar uma série de outras culturas, a cultura hegemônica pode funcionar como mecanismo de controle nas práticas efetivadas no espaço escolar, principalmente no que se refere à não tolerância em relação às diferenças culturais e dos sujeitos que ali circulam. Analisar a dinâmica cultural no espaço escolar destacando a relação entre culturas hegemônicas e periféricas como mecanismo de controle pode ser uma boa estratégia inicial para os profissionais da educação que estão iniciando seus estudos nesta área, visando a um melhor entendimento das práticas culturais efetivadas no espaço escolar.

Palavras-chave: Cultura hegemônica e periférica. Mecanismos de controle. Espaço escolar.

Abstract. Not consider the cultural diversity and legitimate a hegemonic culture as the truth seems to be one control strategy used in school. So, this article aims to analyze the relation between cultures and control mechanisms. For this purpose, we used the bibliographic research as methodology and some cuts were made to meet the purpose of the article. The genesis of the hegemonic culture occurs in the 18th century, with the Age of Enlightenment. As the time passed by, these knowledge articulated with another discourses, creating a culture that permeates different social institutions in our historic period, including the school. Beyond the marginalization of other cultures, the hegemonic culture can function as a control mechanism in a series of actions that take place in school, mainly referring to the non-tolerance of the different cultures and the people transit there. Analyze the cultural dynamics in the school environment, emphasizing the relation between hegemonic and peripheral cultures as control mechanisms can be a good initial strategy to education staff who are initiating their studies, aiming a better comprehension of the cultural practices that take place at school.

Keywords: Hegemonic and peripheral culture. Control mechanisms. School.



INTRODUÇÃO

Este artigo visa à discussão acerca da relação entre culturas hegemônicas e periféricas no espaço escolar. O progresso social ligado a variáveis de consumo edificam uma única cultura que chamaremos de hegemônica, ganhando força no espaço escolar, provocando uma homogeneização e um controle do espaço. Tudo que não pertence a esta cultura é descartado. Além disso, pretendemos ampliar a discussão sobre a relação entre cultura e mecanismos de controle.

O desenvolvimento tecnológico, que teve seu apogeu no século XVIII, fez surgir uma cultura diferente das que tínhamos ao longo da história. Esta cultura da ciência tinha como pretensão descobrir a verdade. Esta época, denominada das Luzes, cria um fenômeno histórico que desqualifica outros saberes e culturas, que aos poucos vão se tornando marginalizadas. Esta cultura, que vem disfarçada de verdade, hegemônica, se espalha por grande parte da sociedade que vivemos hoje.

Neste mesmo processo, os saberes da natureza, as culturas locais, vão se tornando desvalorizadas diante das Luzes emitidas pelo movimento cartesiano da época. A sociedade capitalista logo adota estes saberes e reifica sua legitimidade. Deste modo, a triangulação saberes da verdade, capitalismo e consumismo funcionam como um rolo compressor que arrasta e desqualifica as culturas, colocando-as em um grande lixão a céu aberto. Neste local podemos encontrar o que sobra das culturas que foram sendo destruídas e descartadas.

Assim, tudo o que não serve ao consumismo capitalizado é desqualificado. O embate entre estes diferentes fenômenos sociais é com certeza catastrófico em relação à destruição da natureza e as diferentes culturas vinculadas a ela. Esta reflexão incita um questionamento: ampliar a discussão de como a cultura pode funcionar como mecanismo de controle no espaço escolar?

O espaço escolar é permeado por diferentes culturas, variando em consonância ao contexto social. Existe, acerca do processo educativo, uma série de representações formuladas pelos diferentes grupos sociais e que influenciam suas práticas. Elas dizem respeito à sociedade pretendida, ao sujeito que se quer formar/educar, aos profissionais da educação, aos fins e meios educacionais. Através da educação as novas gerações adquirem valores culturais, reproduzem e transformam os códigos sociais de cada sociedade. Assim, não há um processo educativo asséptico de ideologias dominantes, sendo necessária a reflexão sobre o próprio sentido e valor da educação na e para a sociedade (LUCKESI, 1994).

Neste sentido, este texto está dividindo em duas partes. Primeiramente vamos conceituar culturas hegemônicas e periféricas, situar seu surgimento histórico numa época que foi nomeada como a das Luzes. Em um segundo momento, vamos analisar de que forma a homogeneização cultural pode influenciar e fazer surgir mecanismos de controle no espaço escolar. A metodologia está relacionada a um recorte bibliográfico escolhido em função do objetivo do artigo.

CULTURAS HEGEMÔNICAS E PERIFÉRICAS

De que modo o pensamento pode ser considerado como um ambiente social e cultural? Todos estão, individual e coletivamente, cercados por palavras, imagens, ideias e signos que penetram ouvidos e mentes. Estas mensagens circulam na sociedade e atinge a todos, sem que saibam ou tenham consciência imediata de sua aproximação. As pertencas imediatas de determinado grupo ou indivíduo precisa entrar em acordo com a rede de pensamentos sociais. Os fios que ligam os grupos, com suas particularidades culturais, ou os indivíduos à estrutura social, são mecanismos difíceis de serem analisados e até observados.

Quando observamos a água de um rio, percebemos que se não houver nenhum obstáculo, a água escorre com calma sem perturbações. Por outro lado, se em sua trajetória existirem obstáculos, como pedras e troncos, seu caninho fica perturbado e agitado.

A dinâmica de fluidos é uma boa forma de representarmos a complexidade social em que vivemos. A água, ao escorrer sobre uma superfície, não respeita nenhuma ordem, sua trajetória se dá no caos. Sua fluidez é influenciada por ela mesma e pelo meio – pedras, troncos, rugosidade da terra – em um sistema que é praticamente impossível de ser modelado. Se a água circula de forma mais calma, sem obstáculos, podemos colocar uma pedra no seu caminho e transformar sua trajetória, impor uma estrutura em seu caminho. E é neste sentido que vamos considerar o conceito de cultura:

como atributo universal da espécie humana, na condição que a distingue de todas as outras espécies animais; é a capacidade de impor ao mundo novas estruturas (BAUMAN 2012, p. 150, grifo nosso).

O corpo social é constituído por vários grupos sociais, que possuem particularidades e cultura própria. A cultura não é um simples artefato, mas uma categoria intelectual, um conceito que expressa a maneira de viver de um grupo. Cultura representa “o modo de vida de um povo, em que se incluem suas atitudes, valores, crenças, artes, ciências, modos de percepção e hábitos de pensamento e de ação” (BLACKBURM 1997, p.85). A cultura é abordada como um sistema simbólico construído socialmente, através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, articulam, aprendem e modificam o mundo e a si mesmas.

Estas estruturas são criadas em diferentes pontos no tecido social. Cabe destacar que existem diferentes culturas que assumem várias funções entre um grupo de pessoas, como a própria noção de identidade. Porém, queremos focar neste momento e delinear nossa análise classificando este conjunto de culturas de duas formas: hegemônica e periférica.

As culturas hegemônicas assumem diferentes características perpassando diferentes grupos, porém suas características centrais são mantidas. Entendemos por culturas hegemônicas aquele conjunto de saberes que surgiram no século XVIII, denominado Iluminismo – um movimento que tinha como plano de fundo o encontro da verdade dos fenômenos analisados, tomando como estratégia métodos que se legitimavam pela razão.

Segundo Foucault (2005), o século XVIII pode ser descrito como o progresso das luzes, um movimento intelectual que visava a confrontar a razão contra as quimeras, da experiência contra o preconceito, dos raciocínios contra os erros. Neste mesmo período, desenvolve-se o processo de anexação, de confisco, de apropriação dos saberes menores, mais locais, mais artesanais, em detrimento dos maiores e mais gerais e industriais.

O século XVIII foi um século do disciplinamento dos saberes, ou seja, da organização interna de cada saber como uma disciplina tendo, em seu campo próprio, a um só tempo critérios de seleção que permitem descartar o falso saber, o não-saber, formas de normatização e homogeneização dos conteúdos, formas de hierarquizar e, enfim uma organização interna de centralização desses saberes em torno de um tipo axiomático de fato (FOUCAULT 2005, p. 217).

Este movimento de organização e hierarquização dos saberes fez surgir um tipo diferente de cultura, que é centrado no movimento de mais razão. Rapidamente estes critérios de seleção de saberes foram adotados pela indústria, que tem seu eco na sociedade de consumo em que vivemos. Esta cultura, que muitas vezes se apresenta como ciência, teve seu início no século XVIII e foi ao longo do tempo se adaptando, dependendo dos objetivos de cada grupo. O plano de fundo deste movimento permanece, o que mudou é sua apresentação diária no dia-dia das pessoas.

O que temos com Descartes não é apenas a criação de um novo conceito de ciência, mas o surgimento de uma nova época, marcada pela confiança na razão e em sua capacidade de reconhecer e dominar a realidade. O racionalismo forjou o homem moderno (VILELA E IZIDORO , 2013 p. 66).

Este movimento ganha o patamar de cultura hegemônica em nossa sociedade não pela verdade identificada pela razão, como era objetivo no século XVIII. Hoje, com a pulverização desses conhecimentos no espaço social e o aumento da conectividade entre os saberes, ele serve muito mais para justificar e garantir a legitimidade do ato. Desta forma, a cultura hegemônica assume este papel não por inspirar a verdade, mas sim para justificar a escolha dos sujeitos em relação à quantidade de culturas existentes.

Podemos pensar a relação entre hegemônica e periférica não como uma hierarquia do mais alto para o mais baixo – isso presumiria um não contato entre estas diferentes culturas. O que temos é uma relação de diagramas. No centro, temos a cultura hegemônica, que tem como seu rei a razão. E nas periferias as culturas populares, marginalizadas. Esta relação em um diagrama simboliza de forma mais fiel, pois estão em uma mesma dimensão e seu contato é mais próximo.

O caminho de marginalização das culturas é um processo longo e é feito de transformações práticas na vida das pessoas. Segundo Moscovici (2002), é inegável que a colonização constitui um dos acontecimentos mais revolucionários pós-guerra. Uma conquista colonial, como também a modernidade, são colocadas como um processo de civilização em relação às culturas já existentes – temos a conquista das Américas como exemplo.

A cultura hegemônica, como já mencionamos, foi concebida a princípio com o movimento iluminista, porém esta cultura ganha uma dimensão muito maior com o passar dos anos. Hoje, o discurso da verdade está muito mais relacionada a justificar a escolha da cultura hegemônica e dar poder de legitimidade em relação às outras culturas. O processo de racionalização típica do Iluminismo é rapidamente absorvido pelas classes dominantes, pela lógica de organização das indústrias e pela sociedade de consumo que vivemos hoje.

A cultura central, hegemônica, desta forma, ganha força e atinge de diferentes formas as culturas periféricas. O Brasil é um bom exemplo de transformação cultural. A cultura europeia tem e teve um impacto direto sobre a cultura brasileira em diferentes dimensões, desde a destruição da natureza até a reorganização política e cultural. Para Moscovici (2002, p.22), “[...] toda destruição da natureza é acompanhada por uma destruição da cultura, todo ecocídio, como chamaremos em seguida, é por certo aspecto, um etnocídio”.

Podemos observar que a cultura hegemônica sofreu várias mutações ao adentrar o vale das necessidades espalhas pela sociedade nos diferentes continentes. Pressupondo que vivemos em uma sociedade de consumo, parece que é desta roupagem que se veste a cultura hegemônica na atualidade.

Bauman (2007) menciona que as tribos pós-modernas baseadas no consumismo substituem os totens das tribos originais pelas marcas e estilos criados por uma lógica de mais consumo. Tudo que não é da ordem do consumo e do descarte é visto como irracional pelos sujeitos dessa sociedade. A racionalidade serve como retórica para o mais consumo. O sujeito não é mais visto como um cidadão, mas sim como um consumidor.

O descarte é uma das características do consumismo, jogar no lixo de forma desenfreada é o que move o consumidor. Tudo que vale é da ordem do consumo – esta parece ser a máxima que vale na sociedade atual. A ideia de descarte parece transcender aos objetos de consumo e os consumidores parecem empregar esta mesma lógica nos conhecimentos que defendem e nas teorias que formulam, ou seja, na cultura que pertencem. A cultura que não serve mais é facilmente descartada.

Ao descartar um objeto ainda em bom funcionamento e de boa qualidade, podemos resgatá-lo do lixo para ser usado ou servir para outras pessoas. Da mesma maneira podemos pensar nas culturas que foram descartadas ao longo dos anos, e “No aterro sanitário da cultura, encontramos ainda tesouros e belezas insondáveis” (MOSCOVICI 2002, p. 36).

Muitas são as conseqüências de todo este processo no ambiente cultural em que vivemos. Assim, podemos nos questionar: como esta relação se apresenta no espaço escolar? Com a legitimação de uma única cultura hegemônica pode funcionar como mecanismo de controle na escola? É nesta direção que vamos caminhar na próxima parte do texto.

A CULTURA COMO MECANISMO DE CONTROLE NO ESPAÇO ESCOLAR

Escrever a palavra cultura no singular no título acima não foi por acaso. O ato de singularizar a palavra cultura dá indício de unificação e não interação como a pluralidade das diferentes culturas. Considerar a cultura como um mecanismo de controle é de certa forma singularizar a diversidade cultural.

Quando procuramos o significado da palavra “singular” em um dicionário online¹, temos o seguinte significado: “exclusivo de sua espécie, distinto. Muito especial, inteligência singular. Cujas características são diferentes das demais. Que se opõe ao que é plural. É único e sempre surpreendente”.

Ao singularizar a palavra cultura estamos fechando o leque de possibilidades e considerando uma única cultura como legítima. Como vimos na seção anterior, existe um movimento que tem sua origem no Iluminismo e ganha força com o processo de colonização, capitalismo e sociedade de

¹ Disponível em: <http://www.dicio.com.br/singular/>. Acesso em 27/01/2016.

consumo que denominamos como cultura hegemônica. Neste processo, as culturas locais, ligadas à natureza e à geografia do local foram sendo marginalizadas.

Todo este volume discursivo atinge as diferentes instituições que habitam o tecido social, provocando uma espécie de transformação tanto no discurso cultural externo como nos saberes que já são aprovados e compartilhados pelo grupo de sujeitos que pertencem às instituições. E a escola é um desses espaços que modifica e é modificado pelas diferentes culturas.

A cultura escolar, como expressão dessa construção, funciona como um sistema de âncoras onde os novos saberes serão acomodados. A escola seleciona e transmite, conhecimentos, valores, hábitos, ideias, tensões e conflitos. No emaranhado de informações produz um espaço de cruzamento entre diferentes conhecimentos e culturas. Pérez Gómez (1998) defende que a escola é um espaço de “cruzamento de culturas”. É no universo escolar que seus atores, sujeitos socioculturais singulares, exercem influências de diferentes culturas e conhecimentos, e constituem suas identidades pela via das ideias, dos princípios, normas e práticas objetivadas.

Ao incorporar novos saberes os grupos fazem aparecer sua cultura e, nas relações sociais que estabelecem, influenciam a constituição de diferentes resistências. O processo educacional não acontece desarticulado da cultura; ao contrário, a relação entre educação e cultura é inerente ao processo educativo. Nesse processo, a instituição escolar é também um meio de transmissão de saberes sociais que estão vinculadas à cultura de um determinado contexto onde a escola está inserida. Educação e cultura são práticas intimamente entrelaçadas e articuladas numa relação construída no dia-a-dia das práticas escolares.

Existem várias evidências de que a escola tende a legitimar de maneiras diferentes a cultura hegemônica – considera como fonte de estudos apenas os conhecimentos dos livros didáticos; as aulas de Português muitas vezes estão ligadas somente ao estudo da gramática normativa descolada do contexto da interação linguística; na disciplina de Matemática, os conhecimentos são articulados à Física newtoniana, a linguagem segue os moldes eurocêntricos. Poderíamos apontar outros aspectos que dão indícios da valorização de apenas uma cultura no espaço escolar.

Segundo Santomé (1995, p.161):

Quando se analisa de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chamamos a atenção para a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular sua possibilidade de reação.

A escola e sua estrutura organizacional reforçam a ideia de uma única cultura. A escola, que tem seus mecanismos de exclusão, hoje exclui de maneira mais efetiva e contínua em todos os níveis. Mantém em seu interior aqueles que ela mesma exclui, contentando-se em empurrar estes sujeitos para os ramos mais desvalorizados, o que torna a escola em um espaço de marginalização de grupos menos favorecidos (BOURDIEU 1998).

A cultura hegemônica é valorizada e as periféricas silenciadas – este parece ser o mote da dinâmica da cultura na maioria das escolas. A respeito disso, existe outro aspecto que vale ser sublinhado no ato de se homogeneizar e colocar em um pedestal uma única cultura hegemônica, consumista e excludente – ela pode funcionar como mecanismo de controle dos sujeitos que ali circula.

Foucault, em “Vigiar e Punir”, dissecava as ferramentas utilizadas como mecanismos de controle que serviram para disciplinar e transformar os corpos em objetos mais produtivos. “[...] de uma massa informe, de um corpo inapto, faz-se a máquina de que se precisa, corrigindo-se aos poucos as posturas” (2013, p.131).

Uma das técnicas de controle na sociedade analisada pelo autor é o panóptico. “Para ser eficiente, o panóptico deve ser visível e inverificável, o indivíduo não precisa saber que está sendo observado, mas precisa ter certeza que poderá sê-lo a qualquer momento” (FOUCAULT, 2013, p.190).

A cultura hegemônica, considerada como um dos mecanismos de controle que corrobora com a institucionalização de uma única cultura no espaço escolar, segue estas características maquínicas. Estas técnicas de centralizar uma cultura aparecem de forma sutil dentro das disciplinas, no interdito e na posição que os professores assumem em suas práticas pedagógicas. A cultura hegemônica pode não

ser notada pelos alunos e professores, mas ela é visível em suas práticas, eles não precisam saber que estão em contato em essa cultura hegemônica, mas têm certeza de que podem ser ridicularizados a qualquer momento se não estiverem familiarizados com os saberes que ela exige como verdadeiros.

Para Arroyo (2007, p. 119):

O sistema escolar tem sido uma das instituições mais reguladoras da sociedade. Regula os tempos de pesquisa e os conhecimentos que considera como legítimos, regula os valores, culturas, memórias, identidades a partir de padrões universalistas ou generalistas construídos sem um diálogo com a alteridade e a diversidade.

Poderíamos elencar várias consequências sobre a unificação de uma única cultura no espaço escolar: a violência, a não tolerância em relação à diferença, bullying e o fracasso escolar. Estes são alguns aspectos que podemos destacar como posteriores à objetivação de uma cultura hegemônica que serve como filtro para as escolhas dos sujeitos pertencentes à escola.

É possível observar também que as classes mais favorecidas, aquelas que têm mais contato com a informação, que têm um poder econômico maior, ou estão posicionadas de forma privilegiada em relação aos movimentos atuais que perpassam basicamente pela globalização, têm maior facilidade, maior fluidez para lidar com os conhecimentos pertencentes às culturas hegemônicas.

Estas classes sociais se alimentam e se promovem justamente por dominar estes conhecimentos reificados por estas culturas dominantes. Esta blindagem cultural favorece alguns e desqualifica outros. Neste sentido, a escola é uma instituição que reforça essa seleção, utilizando para isso uma espécie de mais-valia cultural. Segundo Bourdieu (1998), para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos e nos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Neste momento poderíamos prescrever uma série de receitas enfatizando a importância de se valorizar as culturas periféricas. Existe uma literatura relativamente extensa que idealiza um processo educacional pautado na inserção de diferentes culturas no currículo e nas formações continuadas dos profissionais da educação. Apoiamos estas ideias e acreditamos que este processo é lento e demanda tempo para ser implementado nos documentos educacionais e nas práticas docentes.

O que vale destacar neste momento é a postura reflexiva que podemos ter ao nos depararmos com situações de exclusão e violência no espaço escolar, uma cultura muitas vezes articulada a interesses consumistas em que nossas crianças e adolescentes acabam sendo alvo fácil das mídias de massa. Estas reflexões podem ser feitas em sala e é um bom começo para valorização das culturas periféricas consideradas menores no tempo histórico em que vivemos. Ou seja, podemos pensar em uma dimensão de práticas efetivas dos profissionais da educação em relação a esta diversidade cultural hierarquizada.

Deste modo as práticas efetivadas pelos profissionais da educação estão pautadas no senso comum e nas diversas vertentes pedagógicas que surgem no espaço reificado pelas culturas hegemônicas. “Quando os indivíduos se questionam sobre fenômenos sociais, (...) acionam as teorias que coletivamente construíram sobre estes mesmos fenômenos, e é no quadro destas teorias que procuram e estruturam as explicações” (VALA, 2004, p. 481).

Isso não impede a necessidade dos profissionais que se ocupam da educação e da aprendizagem dos estudantes, de fazerem opções pedagógicas, ou seja, de assumirem um posicionamento sobre objetivos e modos de promover o desenvolvimento e a aprendizagem de sujeitos inseridos em contextos socioculturais e institucionais concretos (LIBÂNEO, 2005).

Pensar e atuar no campo da educação, enquanto atividade social prática de humanização das pessoas, implica responsabilidade social e ética de dizer não apenas o porquê fazer, mas o quê e como fazer. Isto envolve necessariamente uma tomada de posição pela Pedagogia. Práticas pedagógicas implicam em decisões e ações que envolvem a construção histórica dos sujeitos, requerendo projetos que explicitem direção de sentido da ação educativa e formas explícitas do agir pedagógico.

A principal tarefa dos educadores profissionais preocupados com as práticas educativas é investigar e preocupar-se com o conteúdo do ato educativo, admitindo sempre, por princípio, que este conteúdo não é simples e possui suas complexidades. Sendo assim, é necessário que se realizem análises e integração de conceitos, de diferentes origens: culturais, psicológicas, econômicas, antropológicas, simbólicas, sem perder de vista a dimensão humanizadora das práticas educativas (LIBÂNEO, 2005).

Por meios das práticas docentes é que podemos resgatar as discussões sobre cultura no espaço escolar. Se considerarmos estas culturas periféricas como menores, então podemos afirmar que a escola tem este papel de valorizar os pequenos e suas singularidades. “Apoie o que é pequeno! Tudo que é grande só quer ser maior em detrimento dos pequenos” (WENDERS apud MACHADO, 2013, p. 63).

CONSIDERAÇÕES

Dicotomizar a difusão e o surgimento de uma cultura hegemônica parece um processo simplório para se analisar a dinâmica de posicionamento dos sujeitos com relação às suas escolhas. Corremos o risco de construir um cenário fictício com relação à complexidade das interações culturais. De certa forma, estamos racionalizando o processo de entendimento das diferentes culturas, centralizando uma hegemônica e colocando as restantes nas periferias. Não podemos negar que se trata de um processo de racionalização que visa a diminuir o grau de complexidade do fenômeno para que possamos melhor entendê-lo.

Existe um ramo das ciências exatas chamado modelagem matemática, que se preocupa com a construção de modelos matemáticos para melhor entender os fenômenos físicos, ou seja, aqueles que podem ser observados e tabulados empiricamente. Após a tabulação, constroem-se modelos de interação que permitem analisar de forma mais profunda o fenômeno em diferentes aspectos, principalmente como se comportará no futuro.

Muitas vezes, com o passar dos anos, este mesmo fenômeno físico é compreendido de outra forma, basicamente o que se tem é a inserção de novas variáveis de análise, o que torna o modelo construído anteriormente inviável. Neste sentido, o que se tem é um constante processo de reinventar modelos para a constante perseguição de se entender melhor o fenômeno observado.

Esta sequência de construção intelectual perpassa o processo de refazer e de inserir novas variáveis para o melhor entendimento. É como se estivéssemos reduzindo a complexidade do fenômeno de início para que aos poucos novos modelos fossem criados e novas variáveis e graus de complexidade fossem acoplados ao cenário analítico.

É com este pensamento que construímos este texto – reduzimos o grau de complexidade para a construção de um primeiro modelo analítico, porém isto não significa que novas variáveis e graus de complexidade não possam ser inseridos. Observar as práticas culturais no espaço escolar por meio da dicotomização em culturas hegemônicas e periféricas pode ser uma boa estratégia inicial para os profissionais da educação que estão iniciando seus estudos nesta área, visando a um melhor entendimento das práticas culturais efetivadas no espaço escolar.

O saber humano não é homogêneo. Há várias modalidades de saber. O saber científico, o saber popular ou o senso comum, o saber transmitido de geração para geração. O saber é heterogêneo. O mundo organiza os saberes de modos diferentes. Em prejuízo às práticas educativas desenroladas no interior da escola, a cultura ocidental pouco reconhece a diversidade dos saberes e quando o faz, estabelece uma hierarquia para esses saberes.

Educar para a diversidade, com respeito e coerência requer compreensão dos saberes escolares e da cultura que forma o educador. Requer perspectivas de ação interdisciplinar, ou seja, que perseguem o objetivo fundamental de interdisciplinaridade, experimentando vivências de uma realidade global inscritas nas experiências cotidianas do aluno, do professor, da comunidade escolar e da sociedade. Na prática, as relações entre as diferentes culturas podem ser traduzidas em trabalho escolar eminentemente social.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar. In: GOMES, N. L. (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações étnico-raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-130.

BAUMAN, Z. Ensaios sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 325 p.

_____. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007. 199 p.

BLACKBURN, S. Dicionário Oxford de filosofia / Simon Blackburn: consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes; tradução, Desidério Murcho. et al. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1997.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frentes à escola e à cultura. In: BOURDIEU, P. Escritos de educação. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 39-64.

FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. xiv, 382p.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 291 p, il.

LIBANEO, J. C. Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2005. 104p.

LUCKESI, C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez Editora. 1994.

MACHADO, E. C. Pensar a cultura. In: WENDERS, Wim. Cinema além das fronteiras. Porto alegre. Ed. Arquipélago. 2013. 223p.

MOSCOVICI, S. Natureza para pensar a ecologia. Rio de Janeiro. Ed. Mauad X. 2002. 254p.

PEREZ G., A. La cultura escolar en la sociedad neoliberal. Madrid: Morata, 1998.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.

VALA, J. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: _____. Psicologia social. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2004.

VILELA, A. N. de O. IZIDORO, J. L. Os fundamentos da verdade no pensamento de René Descartes: uma relação à sua época, uma proposta à nossa época. CES Revista. Juiz de Fora. V.27. N.1, p. 53-71. 2013.

MINIBIOGRAFIA

Juliano Bona (bonajuliano@gmail.com)



Possui Graduação em Matemática pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - Furb (2005). Atua na área de ensino fundamental como professor de matemática na Rede Pública Municipal de Timbó. Mestre em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - Furb (2010). Atua como Professor no Ensino Superior no Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi. Áreas: Educação Matemática, Cálculo Diferencial e Integral, Geometria e Álgebra Linear. Atualmente é aluno especial no Doutorado em Educação - Univali - Universidade do Vale do Itajaí.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2946238704686313>

Camila Thaisa Alves Bona (camilatalves@gmail.com)



Possui graduação em Letras pela Universidade Regional de Blumenau e Mestrado em Educação pela mesma instituição. Foi professora de Língua Portuguesa e Inglesa nas redes pública e particular, atuando no ensino fundamental e educação infantil. Atualmente trabalha como professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino do município de Timbó, Santa Catarina.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7065955283890151>